

Ensaio semiótico acerca da identidade narrativa feminina em *Lady Susan* de Jane Austen¹

A semiotic essay on the feminine narrative identity in *Lady Susan* by Jane Austen

Milene de Almeida Silva²

Resumo

Parte-se da hipótese de que identidade narrativa e identidade feminina podem correlacionar-se em liame investigativo de base dinâmica e híbrida. Para tanto, utilizou-se a protagonista da obra epistolar *Lady Susan* de Jane Austen para exame e exemplificação. Conforme os documentos acessíveis, esse livro foi criado por volta dos anos de 1793 e 1795, num intervalo adolescente da autora, e nele se encontram características peculiares e inovadoras de sua prática como escritora. Em suma, primeiramente, uma recolha basal foi feita para breve exploração dos conceitos de pesquisadores como John Locke, Michel Foucault entre outros acerca da possível definição de identidade e identidade de gênero, para futura confrontação com os resultados encontrados no conceito de identidade narrativa, criado por Paul Ricoeur em *Percurso do Reconhecimento* (2006). Tal alicerce filosófico viabilizou a apuração da identidade narrativa feminina de *Lady Susan*, através de uma análise metalingüística; e para essa exploração, o corpus foi dividido em conjuntos de cartas, com perspectivas em confronto, para uma busca por amostras textuais, combinações narrativas, características itinerantes e as possibilidades temáticas, que esta personagem desponta nos distintos conceitos para identidade. A combinação dos resultados encontrados revelou uma identidade narrativa feminina particular, em temáticas relevantes, com considerável potencial queixoso.

Palavras-chaves: identidade, gênero, Austen, semiótica, linguística, *Lady Susan*.

Abstract

This essay entertains the hypothesis that a correlation between *narrative identity* and *feminine identity* may exist, and it provides an investigation of dynamic and hybrid nature. To achieve its purpose, the protagonist of the epistolary text *Lady Susan* by Jane Austen was the sample examined. According to the records available, this narrative was created throughout the years of 1793 and 1795, during a transition period of the author, from the *Juvenilia* works to her mature ones. Firstly, a basal search was done to briefly explore the possible definitions for the terms *Identity* and *Gender Identity* by authors such as John Locke and Michel Foucault amongst others. Secondly, they were contrasted with the concept of *narrative identity* created by Paul Ricoeur (2006). The application of this philosophic approach in a metalinguistic analysis in the opus enabled us to achieve a *feminine narrative identity* for *Lady Susan*. For this exploration, the corpus was divided into groups of perspectives in confrontation, to later search for textual samples, narrative combinations, itinerating characteristics, and viable themes this character may rise in distinct concepts of

¹ Baseado em minha dissertação de mestrado ao programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP (Silva, 2021).

² Mestra e doutoranda em Estudos Lingüísticos e Literários em inglês, pelo programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo (FFLCH/SP). Correo: mile321@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9891-1715>

identity. The results revealed a particular feminine narrative identity, inserted in relevant themes, with considerable complainant potential.

Keywords: identity, gender, Austen, semiotics, linguistics, Lady Susan.

Introdução

O desafio apresentado neste artigo reside na manifestação de uma relação viável e cooperativa entre os conceitos de identidade narrativa, do filósofo Paul Ricoeur (2006), com identidade e identidade de gênero na literatura, a saber, de forma que permita e auxilie a ocupação do estudo da identidade narrativa feminina de um personagem literário.

A obra *Lady Susan* foi escolhida pois nela consiste em um exemplar peculiar e transacional das habilidades da autora Jane Austen. Publicada postumamente por seu conteúdo contestador, a obra ainda não dispõe de considerável análise acadêmica. Ademais, a protagonista da obra nos parece apresentar grande potencial reflexivo para vertentes de debates atuais. Buscou-se por resultados capazes de apresentar uma conclusão satisfatória de que não somente é possível a correlação entre os conceitos citados acima, mas também sua utilidade e contribuição à pesquisa narrativa e discursiva (temática e figurativa) literária e linguística de corpus.

Portanto, os principais objetivos são, a partir da familiarização dos conceitos teóricos de pensadores quanto às noções utilizadas, estabelecer uma base teórica de interação entre identidade narrativa e identidade feminina. Então, através do programa AntConc (Laurence, 2010) da Linguística de Corpus, encontrar os grupos lexicais e suas combinações em grupos epistolares (utilizando basicamente as ferramentas *keyword*, *concordance* e *collocates*), relacioná-los entre si e comparar seus ajustes e repartições textuais, para finalmente analisar os resultados narrativos e discursivos com a metodologia da semiótica francesa, no escopo analítico fundamental dos estudos de Algirdas Julien Greimas e o Grupo de Investigações Sêmio-linguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, mais seu desdobrar com Jacques Fontanille, na Semiótica das Paixões, Belos Gestos e Forma de Vida.

Identidade³

Este artigo nasce de uma extensa pesquisa de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em inglês da Universidade de São Paulo (Silva, 2021). Logo no início do projeto, ao delinear meus primeiros capítulos, deparei-me com uma complicação de ordem multidimensional: a existência de uma vasta cadeia de definições e possíveis explicações para o termo identidade. Portanto, para lançar uma trajetória investigativa, e desatar uma consolidação funcional e satisfatória aos conceitos, um recorte hermenêutico se fez necessário, com a escolha de um viés teórico de base fundamental.

Assim, os seguintes estudos respaldam-se principalmente no segundo capítulo de minha dissertação, em que acontecem as deliberações acerca dos termos identidade, sexualidade e identidade de gênero, e um complexo conceitual limitante é estabelecido (Silva, 2021). A repartição surge dos registros deixados por John Locke (1689), que definiu o pressuposto de que algo pensante seria capaz da razão e reflexão, características oriundas exclusivamente da consciência. A partir de então, o autor traçou uma linha hermética de raciocínio até dar origem ao conceito que chamou de *self*, e concluir a seguinte fundamentação: o que transforma algo em

³ As traduções de textos citados nesse artigo que não acompanham indicação, e não procedem de publicações em português, foram feitas por mim.

alguém, e o distingue de outras coisas, é o fato de a consciência acompanhar seu pensamento (Locke, Book II, Ch. 27). Segundo Locke (1689), pode-se concluir que a consciência dispõe da habilidade de ligação entre o passado e o presente, em contemplação reflexiva e esse evento concebe e distingue uma única pessoa, “é a própria consciência, enquanto puder ser dilatada [...] que liga a vivência e as atitudes, bastante anterior ao tempo, na mesma pessoa, tal qual as vivências e atitudes do momento do antecedente ponto” (Locke, Book II, Ch.27, p. 339).

Já para Michel Foucault (1978, 1985 e 1986) a construção da identidade está vinculada ao traquejo do *status social*; ao confessar publicamente a verdade sobre si, por capacidade ou obrigação, facultando assim o processo de individualização. Deste modo, no seu livro *História da Sexualidade - Volume 1: Uma Introdução* (1978), Foucault defende que a identidade não se trata de elaborações e constituições internos no sujeito, e sim, do engajamento social e seu reconhecimento público. Nota-se, portanto, que a *consciência* indicada por Locke para Foucault está atrelada às experiências externas, relacionada ao ambiente e convívio. Se seguirmos tais perspectivas, entendemos que a construção do perfil identitário e suas características requerem conteúdos de dimensão coletiva, logo, de cunho sexual para sua diferenciação e identificação - a fim de proporcionar uma autorreflexão no sujeito, abrindo caminho à autoconsciência corporal e sua relação com o outro (Braidotti, 2002). Ademais, antes de ser formada de e para si mesmo, a sexualidade do indivíduo deve ser entendida de e para o outro, assim como as relações com seu gênero (Maia, 2019).

Antes de seguirmos os debates sobre o exercício da identidade na esfera social, vamos nos deter um pouco mais na contemplação interior da constituição do termo, com os estudos do filósofo francês Paul Ricoeur. Em seu livro *O Percurso do Reconhecimento* (2006), o autor aborda a estrutura da ação humana para entender o complexo interno do percurso identitário.

Pensemos agora na relação entre a sabedoria autoreflexiva com a ato de reconhecer a si mesmo, que o filósofo foi resgatar nos trabalhos de Aristóteles, ensinando que as ações “da alma segundo a virtude” serão o gozo de cada homem (Ricoeur, 2006, p. 98). Ricoeur aponta, ao se remeter a Aristóteles, que a condição essencial para o reconhecimento de si mesmo, ou a estabilização desse reconhecimento, é a aspiração à felicidade por meio das próprias virtudes e tarefa “Como a felicidade é uma atividade da alma segundo a virtude completa, precisamos agora tratar da virtude: não é a melhor maneira de chegar a saber o que é a própria felicidade?” (Aristóteles 1102 a 5-6 apud Ricoeur, 2006, p. 98). Em outras palavras, Aristóteles ensina que as virtudes provêm da alma e compõe as “decisões intencionais” (*Proairesis*), que desembocam na ação e tornam o homem no que Bernardo Williams apontou como “centros de decisão” (Williams, apud Ricoeur, 2006, p. 96). A responsabilidade e o reconhecimento por seus atos são abrigados pelas qualidades do sujeito, isto é, o “homem capaz” atua em “ação sensata”, por meio da conciliação entre seu “desejo virtuoso e reto” (Ricoeur, 2006, pp. 102-103), tendo em vista seu benefício e desenvolvimento.

Após Decartes e Locke surge grande ponderação a respeito dos seres pensantes, em termos gerais. Kant e Fichte desdobraram essa reflexividade a um aspecto mais subjetivo, com averiguação das impressões sobre a existência nas propriedades epistemológicas transcendentais, aceitando a inabilidade humana de inteiramente entender os materiais mundanos, ou seja, aplicando exames sobre as perspectivas e definições humanas em oposição à objetividade da materialidade. Curiosamente, os exames de Kant apontam um *déficit* nas considerações de Ricoeur (2006), apontada por ele como uma falta de pesquisa no campo prático.

Todavia, a concepção do ‘eu posso’ representada pelo *homem capaz* foi para Ricoeur (2006) o cerne de sua reflexão analítica, expandindo a tematização dos gregos na intenção de seus usos, dessa maneira, o filósofo une e relaciona “atestação” ao “reconhecimento”, para considerá-los uma união genuína, de semelhante noção e substância. Assim, Ricoeur debruça-se sobre as famílias lexicais das palavras, em busca das diversidades na tentativa de regressar à união legítima e resgatar as análises Aristotélicas da ação, a partir do novo ambiente reflexivo e com a proporção funcional desbravada por Descartes e Locke. E, ao mesmo tempo, abarcando a discussão até o manancial pragmático do poder transcendental de Kant (Ricoeur, 2006).

Da prerrogativa hermenêutica disponível em Ricoeur empregamos sobretudo os ensaios analíticos das capacidades do *homem capaz*, e como estes aprimoram a noção do discernimento de si. Tal viabilização nos oferece uma trajetória mais verossímil para esquadrihar as capacidades em ação da protagonista escolhida, Lady Susan, e ainda nos oferece maior proximidade lexical para apurar intrínseca e narrativamente sua identidade.

Identidade narrativa

Agora para unirmos o ato reflexivo de ‘narrar-se’, fixada/voltado ao exterior, do homem capaz com a profundidade conceitual da identidade pessoal, o filósofo francês concebe uma noção intitulada por ele de *identidade narrativa* (Ricoeur, 2006). Ao examinar as estranhas da identidade pelo viés narrativo, Ricoeur apoia-se no modelo actancial de Algirdas J. Greimas, e desse modo cria um diálogo entre a intriga em Aristóteles e o modelo actancial de Greimas. Paul Ricoeur (2006) percebeu que sua identidade narrativa precisava vislumbrar a narratividade do desenrolar de uma fonte e de uma “‘história narrada’ [...] então, nas relações, pensar o ato de ‘narrar-se’ na identidade *ipse* e *idem*” (pp. 114-115). Destarte, a identidade narrativa encontra-se engatada à identidade *ipse*, porquanto projeta-se na *promessa*, e tem por finalidade edificar a *ipseidade*, uma identidade pessoal, no decorrer do ‘poder narrar-se’.

Um breve esclarecimento sobre os conceitos *idem* e *ipse* criados por Ricoeur se faz necessário nesse ponto. É interessante utilizar as descrições do próprio autor: a identidade *idem* define-se por todos os contornos deixadas pelo tempo, desde as particularidades arranjadas pela natureza genética até os eventuais sinais reconhecíveis, como a cicatriz de Ulisses. Enquanto a identidade móvel do *ipse*, que de certa maneira resulta das condições históricas de *idem*, encontra-se nas produções imaginativas do sujeito para si mesmo (Ricoeur, 2006)⁴. Cabe-nos considerar as funções que a memória e a promessa ocupam na formação da identidade narrativa, pois ambas emergem do controvertível reconhecimento, nutrem a consciência apontada por Locke (1689), e se espelham no traquejo e intenções da ação. A despeito de suas naturezas contrárias, essa dualidade da identidade narrativa coexiste em uma forma peculiar de simbiose (codependência), e seus contrapontos são constantemente complementares.

Sexualidade e identidade feminina

Antes de abordarmos a construção conceitual de identidade narrativa, é importante ressaltar que para examinar as bases de identidade de gênero é necessário investigar o mínimo sobre sexualidade. Para tanto, percorreremos sucintamente o conceito de sexualidade, começando com

⁴ “Em outras palavras, *Idem* é a parte da identidade que tem relação com Mesmidade e Memória (identidade chamada imutável) do indivíduo, enquanto a *Ipse* com Ipseidade e Promessa (a identidade móvel).” (Silva, 2021, p. 65)

um retorno aos estudos de Michel Foucault (1999), e com ele entendemos que a sexualidade integra a expressão humana e sua plataforma de edificação é sociocultural; ademais, cabe-nos notar que, de acordo com o filósofo, no mundo ocidental, às intervenções religiosas silenciaram o diálogo e o exercício sexual. Foucault gira a óptica epistêmica do conceito de sexualidade para além de suas marcas corporais, destacando seu significado pragmático nas relações de poder entre os gêneros no palco social. Portanto, de início, devemos tomar reparo nas entranhas das normas e educação destinada às mulheres, nos limites espaciais onde se situa o romance escolhido, ou seja, na Inglaterra dos séculos XVII até meados do século XIX. Permanecendo na riqueza analítica de Foucault (1978) com seu esclarecimento de que “cada sujeito carece vivenciar o sexo a fim de conseguir se aproximar de sua própria inteligibilidade, de alcançar inteiramente seu corpo e sua identidade” (pp. 155-156); a teórica Rosi Braisotti (2002), corrobora tal natureza correlacional entre sexualidade e identidade, ao dizer que complicado analisar conteúdos identitários sem sexualizar um indivíduo.

De acordo com Sara Vital Maia (2019) do centro de estudos da Universidade de Minho, a primeira especialista a estudar o conceito de identidade de gênero foi a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1949, 1977), que despontou as veredas para as demais femininas e despontou um novo prisma aos termos e normativas com sua ilustre afirmação: “não se nasce mulher: torna-se uma” (p. 285). Em seus livros, Beauvoir trabalha com uma dialética entre o homem e a mulher, chamada por ela de Sujeito e o Outro. O Sujeito representa o masculino, aquele que usufrui de poder, autoridade, autonomia e independência, enquanto o Outro segue vinculado ao feminino, dependente do Sujeito, recebe nomenclatura, significação e designação pelo masculino. Ainda segundo Maia (2019), na dinâmica dos gêneros, o homem recusa-se a ser o Outro, enquanto as mulheres ‘renunciam’ sua liberdade, que para Bourdieu (2012), deve-se à dominação masculina por meio de “imposições simbólicas” da construção social na qual estão inseridas (Maia, 2019, p. 419). Logo, o homem não consente posição ativa ao Outro, portanto a mulher acaba por se afastar “da reclamação da sua liberdade”, e acomoda-se ‘passivamente’ na posição de ‘segundo sexo’, complementar ao masculino, acolhendo em si a responsabilidade moral e a negligência irreflexiva de sua opressão. Indispensável apontar que essa linha de raciocínio evidentemente prevê a opção de transição e manifestação por parte da mulher, o que infelizmente nem sempre é viável.

Sigamos por esse caminho um pouco mais com a nota no livro *O Segundo Sexo*, onde Simone de Beauvoir (1970) expõe um ensaio de E. Levinas no “*Le temps et l’Autre*”, alegando que ‘mulher’ é um vocábulo complementar a ‘homem’, uma vez que a mulher é parte do todo ‘homem’, peça integrante e seu objeto, porquanto na condição que lhe resta ela existe em “sentido oposto à consciência” (Beauvoir, 1970, p. 10). Ainda na citação acima, a filósofa francesa retruca Levinas, afirmando que a mulher “é mistério para o homem” (Beauvoir, 1970, p. 10). Nota-se ainda que esse debate traz consigo a assimilação de que, desde o princípio, a construção de identidade feminina edificou-se afastada da caracterização de uma identidade pessoal, já que como vimos, para Locke a consciência é que transforma algo em alguém, doravante a autorreflexão sobre passado e presente. Em outras palavras, no momento em que Levinas afirma que a mulher opera em “sentido oposto à consciência”, diz que a mulher é um indivíduo sem consciência própria, portanto, não chega a ser um “ser” para Locke (1689) – tal conclusão nos parece verdadeira no sentido em que o significado de “ser mulher” ocupa uma remota plataforma falocêntrica, por isso, podemos concluir que para ‘tornar-se’ um ‘ser’, em real alicerce identitário, o sentido de “ser mulher” precisa ser reinventado (Silva, 2021).

Em Gauntler e Butler encontramos formas para tal resignificação, no afastamento da rigidez dos padrões hegemônicos até caminhos mais fluidos, passíveis de movimentação, adequação e justuras diversas, através da erradiação da noção binária masculino-feminino (Maia, 2019), os quais fornecem os benefícios das transformações, mudanças ocasionais ou instantâneas nas apresentações sociais por escolha pessoal. Atualmente, tais sucedidos podem figurar uma utopia, e ainda assim, após o processo analítico da individualização vista, determinamos factual as múltiplas modificações que um indivíduo pode sofrer, como consequência do encontro com o outro. Na contramão, reunimos as prescrições de Santo Agostino em Ricoeur (2006) evocando a faculdade do que há nos “vastos palácios de memórias”, capazes de abrigar a preservação de uma pessoa por toda uma vida⁵, com as noções de consciência vistas em Locke (1689), competentes para ligar passado e presente em contemplação identitária, com o olhar na memória ou identidade *idem*, a qual contém em si parte da essência individual. Pensemos que uma *súbita e constante* alteração da representação de ‘ser’ pode refutar a própria substância anamnese, na incapacidade de escorar a memória do que se é. Tanto Gauntler como Butler estendem as desconstruções ao máximo, em nosso ver, na busca de problematizar e descongelar os esquemas de categorização sociosexuais. Na impossibilidade de erradiação das estruturas sociais de gênero, considerando que uma supressão maciça de conceitos talvez não auxiliasse os vislumbres das identidades e sexualidades vindouras, o apreço por tais discussões queda-se na própria oportunidade de provocar rupturas e questionamentos. Vale-nos mais, como objetivo de pesquisa, a proposta para um caminho de ‘tornar-se’, a qual opera com o surgimento de novas subjetividades, ou propostas sociais performáticas inovadoras, em outras palavras um complexo ‘exterior’ com capacidade de impulsionar o ‘interior’ em suas ligaduras de medulas e propriedades (Braidotti, 2002).

Lady Susan

Segundo Tomalin (1999), Jane Austen criou a obra *Lady Susan* em sua adolescência. Por fazer parte de um período transitório nas estratégias enunciativas da autora, o livro contém recursos usados nas obras na Juvenília e dos romances maduros.

A protagonista da trama é Lady Susan Vernon, uma jovem viúva de família nobre com uma filha adolescente, Frederica Vernon, que tem por objetivo conquistar deferência dos demais personagens, adquirindo poder sobre determinados homens, principalmente o Sr. Mainwaring, Sir James e o jovem Reginald De Courcy. Seus antagonistas são sua cunhada, a família De Courcy, Sra. Mainwaring e alguns momentos sua própria filha, ao passo que seus adjuvantes podem ser considerados sua amiga Alicia Johnson e seu cunhado Sr. Vernon. O texto da obra tem elaboração epistolar com narradores em primeira pessoa, contendo 41 cartas e a conclusão. Não há definição de tempo histórico na narrativa, entretanto, podemos assumir o mesmo período em que a obra foi escrita, uma Inglaterra do século XVII-XVIII, para fins de pesquisa.

Começamos considerando que a proposta em *Lady Susan* tem potencial de acrescentar valiosas contribuições aos debates e na reconstituição do conceito de identidade(s) feminina(s), assim, seguimos margem ao estudo⁶ linguístico e semiótico já realizado na obra de Jane Austen.

Para maior inteligibilidade, as epístolas do romance foram separadas em grupos de cartas, e, primeiramente, perspectivas foram estabelecidas utilizando o quadrado semiótico da Veridicção

⁵ A noção de tempo pode ser associada à de Spinoza como “continuação de existência” (Ricoeur, 2006, p. 127).

⁶ Estudo completo encontra-se disponível na minha dissertação de mestrado para o programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em inglês do Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP: “A identidade interior e exterior feminina de Lady Susan” (Silva, 2021).

de Courtés e Greimas (1979). Não obstante, devido às restrições de espaço e tempo disponíveis para este artigo, da reunião e análises já feitas na dissertação de mestrado, apresentaremos principalmente os resultados do desenvolvimento que acontecem na relação entre identidade narrativa e identidade feminina de Lady Susan, das cartas trocadas entre Lady Susan e Alicia Johnson, nos parâmetros de *efeitos de verdade*⁷, em /parecer/ com /ser/ trabalhados em combinação com o quadrado semiótico da *Dinâmica Identitária* de Landowski (2002). Operamos uma confrontação entre esses *efeitos de verdade* e as perspectivas dos demais personagens em relação da Lady Susan para definição de *alteridade*. Tal consulta foi de grande valia, pois sucedeu questões investigativas acerca da exemplificação do conceito teórico de *identidade narrativa* em si, os quais corroboram com do “poder narrar-se” de Ricoeur (2006), na análise de seu comportamento narrativo em obra, e dos caminhos que viabilizarão futuras pesquisas literárias.

Para além, empregando o programa linguístico Antconc do professor Anthony Laurence (2010), uma recolha geral foi feita com o referencial integrado dos seis principais romances de Jane Austen⁸ na obra *Lady Susan*, a fim de encontrar as palavras-chaves inerentes a ela. Com isso, chegou-se a quatro listas de palavras-chave⁹, uma para cada grupo de cartas, então aplicou-se um filtro de elementos irrelevantes (como pronomes, nomes, preposições, artigos, lugares etc.), os quais não orientavam no apanhado e exploração das perspectivas dos personagens em relação à protagonista. Em seguida, os lexemas recorrentes em todos os grupos epistolares foram compilados por mais um filtro de utilidade (segundo as diretrizes de nosso estudo), desse modo o resultado foi analisado através das ferramentas *Concordance* e *Collocates* do programa linguístico. A partir do produto dos arranjos sintáticos e suas combinações¹⁰, da compilação das palavras-chave nas novas ferramentas, exames pontuais foram produzidos, junto às duas paixões da protagonista¹¹ (*soberba e enfado*), para finalmente chegar até as principais isotopias¹² temáticas em debate na obra: maternidade, relação de poder entre os gêneros e axiologia social para o feminino.

Com os desfechos que a investigação metodológica ofereceu, iniciou-se a deliberação de interpretações sobre os temas, figuras e paixões apresentados pela protagonista de *Lady Susan*. Assim, percebeu-se que esta transita por veredas inusitadas para o escopo feminino, encadeando um fenômeno de ‘tornar-se’ singular, nos oferecendo um exemplo que refuta a impossibilidade de libertar-se dos postulados existentes em seu período. Embora Lady Susan integre uma compleição feminina em conduta e inclinação, ela não aceita as imputações agregadas ao seu gênero nos “*habbitus*, lei social incorporada” (Bourdieu, 2012, pp. 63-64); por outra, em última instância, ela não consente a lapidação ao seu agente social vinda de tais cristalizações e impostas a sua *sorte*; em outras palavras, ela não permite que lhe atribuam um papel, um caminho e um fim.

⁷ Ao invés do juízo de verdade do quadrado da Veridicção, aplicaremos a noção de *efeitos de verdade* elaborados pela protagonista a respeito de si mesma. Escolhemos dessa forma frente à impossibilidade de adquirir a *verdade* na postura e intenções da personagem, a saber, não é possível saber se o que Lady Susan apresenta à amiga é sincero de fato.

⁸ *Pride and Prejudice*, *Sense and Sensibility*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Northanger Abbey* e *Persuasion*

⁹ Alguns exemplos de palavras-chave: *mother*, *daughter*, *girl*, *mamma*, *coquetry*, *artful*, *severity*, *lover*, *worthy*, *esteem*, *gout*, *insolent*, *marry*, *enraged* entre outras.

¹⁰ Arranjos como: *mother+her*; *daughter+her*; *daughter+disapprove*; *daughter+bitter*; *girl+poor*; *girl+silly*; *mamma+make*; *mamma+commands*; *mamma+forgive*; *mamma+ordered*; entre outros. As mesmas palavras-chave surgem com diferentes combinações em diferentes grupos epistolares, os quais auxiliaram nas definições de noções discursivas.

¹¹ Estabelecidas pela da análise narrativa passional (Semiótica das Paixões).

¹² “Isotopia: é a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica” (Barros, 2011, p. 87).

Notemos que a argamassa que conserva e apresenta as identidades *ipse* e *idem* dispõe ainda de uma importante relação com o externo, com a coletividade, chamada de *alteridade*, categoria no quadrado de Landowski (2002) que tem relação direta com identidade, um termo prospectivo como a ipseidade para Ricoeur (2006), e que não apenas entrega, mas abarca a ramificação do outro, como o ‘espaço de manifestação’ da identidade; com isso se circunscreve a reação do externo (Ricoeur, 2006). É essa estrutura reflexiva que delibera o eminente contrassenso moral na circunspeção dos resultados que a atividade de Lady Susan provoca nos demais personagens, pois as conceitualizações de Ricoeur *idem*, *ipse* e *alter* conduzem grande remessa dos debates na obra sobre ‘ser quem ou o que se deve ser’, ou ‘ser quem se é’. Outrossim aproveitamos a funcionalidade do conceito de *adscrição*¹³ ministrado ao plano linguístico, conforme Ricoeur ensina, o qual nos regala espaço ao questionamento dos laços entre Lady Susan e suas ações, determinando assim de quais ações a personagem pode ser considerada ‘possuidora’, e em quais alinhamentos e sentidos as intenções dela se enlaçam (Ricoeur, 2006).

Em teor axiológico, comparamos as cartas enviadas por Lady Susan à amiga confidente, com aos demais personagens, e percebeu-se que tanto a inferência do uso das máscaras sociais, quanto o seu comportamento inimputável estão alinhados à imagem que ela cultiva de si, em uma *forma de vida*¹⁴ que chamamos de *supremacia*; cuja homologação abastece valores e condutas absolutamente justificáveis aos seus olhos, e a prescindem de lidar com as repercussões (Austen, 2013). Com a intenção de isentar-se da responsabilidade de dadas intenções (e consequências), ela desloca/associa seus desígnios no fardo da obrigação performática.

Ora, se assumirmos a moralidade coletiva vigente na obra¹⁵, uma mulher deve (querer) ser mãe e deve possuir uma série de propriedades, dotes e atributos ‘inerentes’ à *maternidade* (partindo da máxima de que uma mãe deve amar e cuidar de sua descendência¹⁶). Em contrapartida, quando escreve à amiga confidente Alicia Johnson, Lady Susan descreve a filha Frederica com desdém e desafeto: “Aquela abominável filha que tenho está tentando fugir” (Austen, 2017, p. 58), afirmando que ela “nasceu para ser o tormento da minha vida” (Austen, 2017, p. 18), e a retrata como “uma garota estúpida, sem qualquer característica que lhe seja favorável. Portanto, de forma alguma eu te faria perder seu precioso tempo mandando-a para a rua Edward [...]” (Austen, 2017, p. 31). Seu comportamento em relação à filha é bastante criticado pela cunhada, sra. Vernon, no decorrer da obra, e Lady Susan é retratada como uma mãe “severa demais”, que nunca zela pela filha “de forma afetuosa” (Austen, 2017, pp. 62-63). De fato, com base nas próprias palavras de Lady Susan, é possível entender que Frederica significa um fardo, uma indesejada obrigação para ela: “[...] portanto, parece ser minha incumbência levá-la à cidade e casá-la imediatamente com Sir James” (Austen, 2017, p. 101). Desta forma, a protagonista problematiza o esteriótipo da mãe,

¹³ “Eu posso fazer”, o filósofo retrata o termo *adscrição* em forma de diálogo com a teoria aristotélica da ação, e atribue *adscrição* como feito de alguém, deliberadamente ou não. Ou seja: “O termo *adscrição* salienta o caráter específico da atribuição quando esta diz respeito ao vínculo entre a ação e o agente, do qual se diz também que ele a possui, que ela é ‘sua’, que ele se ‘apropria dela’. A *adscrição* visa, no vocabulário que ainda é o da pragmática do discurso, à capacidade de o próprio agente designar a si mesmo como aquele que faz ou que fez. Ela faz a ligação do quê e do como ao quem” (Ricoeur, 2016 p. 113).

¹⁴ Conceito Semiótico criado por Fontanille e Greimas em *Belo Gesto* (1993), ensina um apontamento à criação de um novo estilo de vida, chamado por eles de uma *forma de vida*, o qual nasce de uma fragmentação profunda dos antigos padrões e ordenação de valores, para uma nova filosofia de vida, própria e original.

¹⁵ Um estudo mais completo e abrangente, com fundamentação teórica que justifica tal definição, está presente na minha dissertação, segundo capítulo (Silva, 2021).

¹⁶ Curiosamente, o resultado para uma busca de sinônimos para a palavra *maternal* no dicionário de português Priberam foram: afectuoso e carinhoso.

sua naturalidade no feminino, e arremessa as perspectivas alheias, ou nas palavras de Greimas (2014) a “apreensão retrospectiva, cognitiva e avaliativa” (Greimas, 2014, p. 9) de seus expectadores, em choques assimilativos. E dessa forma, lança nova luz ao gesto de “ser mãe”, pois parte de um prisma singular que torna o complexo comportamental de valores em um “belo gesto” – talvez não ética ou esteticamente belo, mas relevante, inovador e revolucionário.

Não obstante, ao observar a isotopia da axiologia coletiva na obra, vemos as censuras por parte da família De Courcy, principalmente da cunhada e seu pai, Sir De Courcy, contra as “negligências” da protagonista nos cuidados com o falecido marido (Austen, 2017, pp. 45-46) e no decoro social em geral. Além da indiligência com o marido, Lady Susan sofre acusações de encorajamento ao flerte com homens (por vezes comprometidos) e de extravagância nas despesas (Austen, 2017). A saber, o comportamento ‘ativo’ em palco social por parte de nossa protagonista acarreta escândalo e reprovação na família da cunhada, e suscita comentários que visam pendurar as manchas em sua reputação. Para a simbologia axiológica coletiva, representada na obra pela família De Courcy, Lady Susan não faz jus a sua viuvez, pois não apresenta a conduta enlutada apropriada de recolhimento, modéstia e discrição.

Ainda nessa temática, podemos citar outras ‘delações’, como aquela envolvendo a emancipação e autonomia de escolha da dama quanto ao casamento, no sentido de que Lady Susan toma amplo tempo e exprime considerável indiferença ao avaliar as possibilidades de um novo matrimônio “Ainda tenho dúvidas ocasionais em relação ao casamento. Se o velho [Sir De Courcy] estivesse para morrer, talvez eu não hesitasse” (Austen, 2017, p. 110); “[O Sr.] Mainwaring está mais devoto a mim do que nunca e, se tivesse liberdade, duvido que ele resistiria a fazer ele mesmo uma oferta de matrimônio. Esse evento, se a mulher dele vir a viver com vocês, você pode ter condições de apressar” (Austen, 2017, pp. 128-129).

Não obstante, a temática da relação de poder entre os gêneros nos parece ganhar destaque nessa obra. Além de exercer demasiada liberdade em sua ‘atividade de sedução’, a postura de Lady Susan frente ao masculino é deveras insólita para uma mulher de sua época e posição¹⁷. À Alicia Johnson, ela reclama da necessidade de Reginald De Courcy de justificar sua conduta aos outros, quando de fato prefere um indivíduo que não enxergue falhas em sua personalidade – uma comoção similar à ‘devoção e/ou adoração’ – o que ela encontra em Mainwaring (Austen, 2017). A protagonista também despreza a visão romântica e os vívidos sentimentos que a filha apresenta e *demonstra* a Reginald De Courcy, “[...] ela é tão natural para demonstrá-los, que há grandes possibilidades de fazer papel de ridícula” (Austen, 2017, p. 68). Fica evidente no decorrer da obra, que Lady Susan opta por dissimular suas intenções/emoções e usa os sentimentos dos outros para seu próprio benefício, de fato, ela alega que nem mesmo os possui, “[...] sentimentos que podem ser tão facilmente manipulados. Não que eu o inveje por ter esses sentimentos, nem eu os teria, por nada deste mundo, mas eles são muito convenientes quando se deseja influenciar as paixões do outro” (Austen, 2017, p. 99).

O movimento de ‘controlar outros’, direcionado essencialmente ao masculino, é outra prática recorrente de Lady Susan. Reginaldo De Courcy torna-se o mais evidente personagem manipulado por ela, do desprezo à paixão ardente. Ademais, nas cartas redigidas à Alicia Johnson, também descobrimos sua atitude dominadora com seu próprio marido, “[...] não teria persuadido meu marido a vendê-lo para terceiros” (Austen, 2017, p. 26); com o pretendente Sir James “Tenho certeza de que posso fazer Sir James renovar seu pedido num estalar de dedos” (Austen, 2017, p.

¹⁷ Fundamentação teórica completa para essa dedução encontra-se em minha dissertação, primeiro e segundo capítulos (Silva, 2021).

32); com o cunhado, Sr. Vernon “[...] E quanto às questões financeiras, isso também não impediu [Sr. Vernon] que fosse de grande utilidade para mim. Eu realmente o aprecio, ele é tão facilmente governável” (Austen, 2013, p. 178); além do criado de Reginald “Mandeí Wilson dizer que eu desejava falar com ele (Reginald) antes de sua partida. Ele veio imediatamente” (Austen, 2017, p. 98), e finalmente com o próprio Sr. Mainwaring, que acaba por se separar da esposa a fim de acompanhá-la (Austen, 2017, p. 126).

Com o intuito de refletir acerca das razões e os efeitos da ‘tendência dominadora’ da protagonista, nos dirigimos às ponderações da psicanalista Jessica Benjamin (1988), que classificou a dialética do controle da seguinte maneira: “Nossa condição para termos uma existência independente está no reconhecimento do outro” (Benjamin, 1988, p. 52); em outras palavras, a essência da independência reside justamente na constante tensão formada entre os pontos contrários dos seguintes anseios: aquele de se declarar como indivíduo e o de ser reconhecido como tal pelo semelhante. Por isso, o impulso de dominação está atrelado à rejeição do reconhecimento da própria dependência do outro.

Em breve amparo à imagem apontada por Lady Susan, e em resposta aos usuais ataques ao feminino durante a história, trazemos a citação de Beauvoir (1970) em seu livro acerca do escritor Stendhal que afirmava sentir uma aversão fatal por mulheres honestas, porquanto lhes achava obrigatória a hipocrisia (Beauvoir, 1970). Recoletemos aqui que Stendhal foi um autor que produziu heroínas independente, ativas e inteligentes, pois ainda assim foi capaz de expressar uma opinião que não procura entender que as razões por detrás do comportamento frígido, ressentido e insolente de determinadas mulheres, talvez nascesse como resposta à maneira hipócrita, agressiva e desdenhosa com que eram tratadas. Segundo Beauvoir (1970), para muitos da época de Stendhal, as “mulheres cultas e inteligentes eram monstros” (p. 284) e suas habilidades físicas, aptidões intelectuais e de liderança eram excluídas da atividade pública; portanto, como tentativa de sobrevivência do exercício de ‘ser’, elas muitas vezes viam-se compelidas à clandestinidade, dissimulação ou simplesmente à indiferença. Ou, nas palavras do filósofo francês Pierre Bourdieu, foram tantas as “fracas armas” utilizadas pelas mulheres no decorrer dos anos, “da magia, da astúcia, da mentira, ou da passividade” (Bourdieu, 2012, pp. 43-44), no esforço para se defender, na tentativa de (re)construir seu próprio espaço, que Bourdieu chega a questionar os “ganhos” adquiridos com os movimentos feministas, no sentido de convidar à observação e monitoramento das *reinvidicações* em pauta nas mobilizações, para que o simbolismo androcêntrico não permaneça invisível no desejo e nas intenções das propostas. A saber, o conhecimento dos padrões cristalizados de gênero, junto à consciência de sua funcionalidade social, lança luz às interpretações e nos servem como ponto de referência ao juízo do aceitável e do real.

Ao passo da conclusão, precisamos retroceder brevemente à discussão da (re)construção do conceito de identidade feminina em Beauvoir: “Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: ‘Sou uma mulher’. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação” (Beauvoir, 1970, p. 9). Aqui a filósofa francesa indica que a definição do que é “ser mulher” deve partir do prisma feminino, podemos juntar com a sugestão de Benjamin (1988) na citação: “É preciso ajustar o foco nas estruturas dualísticas, e não tomar” (p. 8), para depreender um arremete intencional e fidedigno de autodescobrimento, na corroboração da essência e aspiração feminina. Para um mergulho interno, se faz necessária a ação reflexiva e consciente, até o conhecimento eficaz da complexidade do que é “ser mulher”. Nos parece ser uma busca que requer primeiro um descolar da percepção e definição masculinas, das características apreciadas por ele, rumo à descoberta da autonomia de ser e de obter um novo exercício social com regalias igualitárias.

Aliás, o apontamento de Benjamin (1988) destaca que tanto a teoria da intersubjetividade (dois sujeitos inteiros se relacionando), quanto a teoria da intrapsíquico (duas fontes psíquicas independentes) urgem pela percepção de que um gênero não deve ser *auxiliar* do outro, pois reclamam por uma deferência à individualidade e à necessidade do outro no “circuito de reconhecimentos”, que deve acontecer para impedir culpa ou *adscrições* indevidas, prezando pela igualdade (Benjamin, 1988, p. 221).

Conclusão

Nas explorações narrativas da obra, por meio dos sentimentos e comportamento de Lady Susan, descobriu-se um notável e *intencional* apelo queixoso, com aparente finalidade de provocar choques nos expectadores – embates semelhantes aos brados do desprezado, gritos em forma eficaz de narrativa. Na força desses choques denunciativos nota-se uma abrangência transcendental de espaço e tempo, até enunciatórios contemporâneos, com rico regalo e potência a qualquer investigador.

Ao nosso ver, tais representações refutativas visam acusar às restrições impostas ao feminino, que associam sua identificação à doçura utópica, à suposta dependência, a fragilidade inerte, e assim limitam sua participação social ao status de coadjuvante, em um sistema sociocultural que lhes concede poucas oportunidades de participação, buscando deste modo manter uma organização de poderes patriarcais. Outrossim, na temática da dinâmica dos poderes entre os gêneros descrita na obra, a personagem trabalha justamente na inversão dos papéis sociais, e assim dos ‘poderes’ atribuídos a cada um deles, e ao retratar tal inversão, oferece ao masculino uma função passiva e o feminino ativa; delatando, assim, a estrutura da hierarquia axiológica e seus efeitos às mulheres.

Percebe-se que a autora, através de sua protagonista, ao inverter a axiologia de modo instrumental, recria valores e inaugura uma moralidade particular acerca das mulheres de sua época, no âmbito de seu atuar. Tal debate pode impulsionar a busca por novas oportunidades de ordenações estruturais para a(s) identidade(s) de gênero de várias naturezas, e contribui para a abertura de um importante espaço à problematização dos papéis binários. Não obstante, parece possível o questionamento quanto ao início do ‘empoderamento’ feminino e seu desenvolver, no tocante à sua base substancial e identitária.

Assim, Lady Susan nos convida ao embate das percepções e padrões tradicionais, ao colocar em ‘xeque’ a *naturalidade* de cada trato sociocultural, encontrando no cotidiano comum, nas práticas relacionais, nas deambulações interativas e nos influxos emblemáticos, um caminho para acontecer. Provavelmente, um caminho árduo por requerer uma visão de fora para dentro de si, através da visão do outro, no reconhecimento discutido principalmente por Foucault, Ricoeur e Benjamin. Com certeza, uma trajetória insólita até a regeneração das grades conceituais da(s) identidade(s) feminina(s) e, ainda assim, notavelmente crucial; na medida em que desponta de forma verídica a possibilidade para a manifestação da óptica feminina ao significado de ‘ser mulher’. Braidotti (2002) oferece uma sugestão por meio do processo de “tornar-se”, explicando que por vezes é preciso ‘retornar-se’ para “tornar-se” outra vez, através da construção e difusão de figuras simbólicas inovadoras, as quais orientam e assistem novas atuações de gênero e identidade de gênero a serem acolhidas coletivamente como legítimas e oficiais.

Para terminar, a investigação das competências de Lady Susan ao longo de nossa pesquisa, nos retornam aos processos da identidade narrativa de Ricoeur, justamente combinada com a identidade *ipse*, vislumbrando a *promessa* e no poder de “narrar-se” manifestado em obra.

Identificamos um *idem* extremamente sustentado pela ascendência nobre da protagonista, por sua notável beleza e acentuada eloquência, poderes que lhe fomentam a forma de vida definida como *supremacia*. Já seu *ipse* sustenta a impressão de um compromisso e uma aspiração por manejar seu próprio destino, regozijando-se no ambiente social com seus talentos. Outrossim, descobrimos a possibilidade de estudar as conexões entre as diversas definições teóricas de identidade, e que tal caminho de estudo, conforme aplicou-se, pode contribuir para estudos que escolham analisar a(s) identidade(s) de gênero(s) em personagem(s) literários, por meio da sua(s) identidade(s) narrativa(s) e expressão social.

E em última instância, recuperamos os atributos do “homem capaz” – ou, para Lady Susan, a chance de uma ‘mulher capaz’ -, presentes no movimento de reconhecimento de si, do “eu posso” modal de Ricoeur (2006). Nos parece que a postura e comportamento da personagem procuram espelhar o sistema social que recebe por ser quem se é, ou quem se quer ser, de acordo com as distintas perspectivas sobre ela em cada um dos grupos epistolares. Portanto, ao investigar a identidade narrativa de Lady Susan, nos deparamos com uma identidade feminina forjada em rico brio interior, encontramos um indivíduo desejoso por ser, que não acata reformulações sociais ou limitações de desenvoltura. Quiça um modelo condenável à moralidade civil, especialmente para uma mulher de sua época, entretanto, com escolhas correspondentes à definição de Aristóteles (1102 a 5-6 apud Ricoeur, 2006) quanto ao indivíduo cheio de virtudes e decisões intencionais (Proaíresis), um centro de decisões viscerais em busca da felicidade. Certamente, Lady Susan pode ser acusada de alguém carente de imputabilidade, todavia, ao nosso ver, a viúva não reconhece a responsabilidade por seus atos e suas consequências, na mesma medida em que sua sociedade não a admite como um sujeito inteiro, ou como uma ‘mulher capaz’ - conclusão que revela em si veemente denúncia.

Referências

- Austen, J. (2013). *Lady Susan & Other Works*. Wordsworth Classics.
- Austen, J. (2017). *Lady Susan* (B. Almeida, Trad.). Grua Livros.
- Barros, D. (2011). *Teoria semiótica do texto*. Editora Ática.
- Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo 1 - Fatos e Mitos* (S. Milliet, Trad.). Divisão Europeia do Livro, 4ª edição. (Trabalho original publicado em 1949).
- Beauvoir, S. (1949). *Le deuxième sexe. L'expérience vécue*. Vol. 2. Éditions Gallimard.
- Beauvoir, S. (1977). *Le deuxième sexe. L'expérience vécue*. Vol. 2. Éditions Gallimard.
- Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of dominations*. Pantheon Books.
- Braidotti, R. (2002). *Metamorphoses: towards a materialist theory of becoming*. Polity Press. eBook kindle.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (M. Kühner, Trad.). Editora Bertrand Brasil Ltda. Editions du Seuil.
- Courtés, J., & Greimas, A. J. (1979). *Dicionário de Semiótica* (A. Dias Lima, D. Luz Pessoa de Barros, E. Peñuela Cañizal, E. Lopes, I. Assis da Silva, M. Castagnetti Sembra, T. Yamaguchi Miyaazki, Trad.). Editora Cultrix.
- Fontanille, J., & Greimas, A. J. (1993). *O Belo Gesto*. Em E. M. F. S. Nascimento, & V. L. R. Abriata (2014). *Formas de Vida: Rotina e acontecimento* (pp. 13-33). Editora Coruja.
- Fontanille, J., & Greimas, A. J. (1993). *Semiótica das Paixões, dos estados de coisas aos estados de alma* (M. Rodrigues, Trad.). Editora Ática.

- Foucault, M. (1978). *History of Sexuality - Volume 1: An introduction* (R. Hurley, Trad.). Pantheon Books New York.
- Foucault, M. (1985). *The Use of Pleasure – Volume 2 of The History of Sexuality* (R. Hurley, Trad.). Vintage Books.
- Foucault, M. (1986). *The Care of the Self – Volume 3 of The History of Sexuality* (R. Hurley, Trad.). Pantheon Books New York (Trabalho original publicado em 1984).
- Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (M. da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Trad.). Edição Graal Ltda.
- Greimas, A. J. (2014). *Sobre o Sentido II, Estudos semióticos* (D. Ferreira da Cruz, Trad.). EDUSP. (Trabalho original publicado em 1980).
- Landowski, E. (2002). *Presenças do outro Ensaio de socio semiótica*. Editora Perspectiva.
- Laurence, A. (2010, setembro). *Antconc*. Laurence Anthony's Website. <https://www.laurenceanthony.net/>.
- Locke, J. (1689). *The Works, vol. 1 An Essay concerning Human Understanding Part 1*. Rivington. <https://oll.libertyfund.org/titles/locke-the-works-vol-1-an-essay-concerning-human-understanding-part-1>.
- Maia, S. (2019). De Foucault a Butler: identidade(s), performatividade e normatividade de gênero. Em M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 417-428). CECS.
- Ricoeur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento* (N. Campanário, Trad.). Editora Loyola.
- Silva, M. (2021). *A identidade feminina interior e exterior de Lady Susan* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo]. www.teses.usp.br
- Tomalin, C. (1999). *Jane Austen: A Life*. First Vintage Books Edition.